

“AH ÁFRICA, TERRA MÃE, BERÇO DA HUMANIDADE”: UMA PROPOSTA DE ENSINO DE HISTÓRIA DA ÁFRICA A PARTIR DO DESENHO SUPER-CHOQUE

“OH AFRICA, THE MOTHERLAND, CRADLE OF HUMANITY”: A PROPOSAL TO TEACH AFRICAN HISTORY BASED ON THE SUPER-SHOCK ANIMATED SERIES

Isabela Rodrigues Regagnan¹
Sávio Queiroz Lima²

RESUMO

Este trabalho aborda historiograficamente o uso de dois episódios da animação Super-Choque no ensino de História da África. Trata-se de uma narrativa ficcional estadunidense protagonizada e referendada racialmente, com personagens principais negros e possibilidades de debates sobre visibilidade. Produzida a partir de 2000, Super-Choque (originalmente Static Shock) foi trazida e traduzida ao Brasil, ganhando notoriedade e ainda exercendo prestígio em debates públicos sobre representatividade e identidade racial. De acordo com a lei 10.639/03, este trabalho pretende analisar o uso dos episódios selecionados, enquanto instrumento pedagógico paradidático para inclusão do ensino de História e Cultura da África. A metodologia parte da análise fílmica através da captura das cenas e das narrativas ficcionais e suas possibilidades de diálogos com a realidade crítica. A abordagem crítica, a contextualização das questões raciais contemporâneas e os trajetos históricos da narrativa ficcional, bem como a historicidade da região de Gana, da civilização Ashanti e sua representação na animação, conferem à pesquisa seu teor de construção de um saber e aplicação em sala de aula. O uso do desenho animado Super-Choque enquanto um material didático, possibilita que os alunos estejam em contato com um conteúdo que faz parte do seu cotidiano, o que pode acarretar um maior interesse para aprender o conteúdo, além de aprender através do mesmo, questões acerca da história e cultura da África, rompendo com estereótipos eurocêntricos sobre o continente, além de questões como a identidade e reconhecimento em uma mídia ficcional audiovisual.

PALAVRAS CHAVE: Super-Choque. História da África. Ensino de História.

ABSTRACT

This work historiographically approaches the use of two episodes of the animated series Static Shock in the teaching of African History. This is a fictional American narrative, starring and racially referenced, with main black characters and possibilities for debates about visibility. Produced in 2000, Static Shock (Super-Choque in Brazilian Portuguese) was brought to Brazil and translated into Brazilian Portuguese, gaining notoriety and still exerting prestige in public debates about representativeness and racial identity. According to Brazilian law 10.639/03, the work proposal intends to analyze the use the selected episodes, as a pedagogical tool for inclusion in the teaching of African History and Culture. The methodology starts with film analysis through the capture of fictional scenes and narratives and their possibilities for dialogue with critical reality. The critical approach, the contextualization of contemporary racial issues, and the historical trajectories of the fictional narrative, as well as the historicity of the Ghana region, the Ashanti civilization, and its representation in animation, give the research its content on building knowledge and application in the classroom. The use of the Static Shock cartoon as teaching material allows students to be in contact with content that is part of their daily lives, which can lead to a greater

¹ Acadêmica de História pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL). Bolsista no Programa de Educação Tutorial - PET História Conexões de Saberes. Voluntária do Programa Institucional Voluntário de Iniciação Científica (PIVIC). Editora da Revista Eletrônica do Programa de Educação Tutorial – Três Lagoas/MS. Integrante do grupo de pesquisa História, Mulheres e Feminismo (HIMUFE). isabelaregagnan@hotmail.com

² Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História pela Universidade Salgado de Oliveira (Universo), membro do Laboratório de Estudos sobre a Transmissão e História Textual na Antiguidade e no Medievo (LETHAM-UFBA). savio_roz@yahoo.com.br.

interest in learning the content as well to learning through it issues about African history and culture, breaking Eurocentric stereotypes about the continent, and issues such as identity and recognition in a fictional audiovisual media.

KEYWORDS: Static Shock. African history. History teaching.

1 INTRODUÇÃO

As questões raciais no Brasil são relevantes diante de uma persistência do racismo e suas adaptações discursivas em tempos tão reacionários. Embora a lei 10.639/2003, a qual versa sobre a “possibilidade jurídica de dar luz às representatividades ocultas” (LIMA, 2016, p. 161), se aproxime de 20 anos de existência, por muito tempo houve exaustivo debate sobre seu cumprimento eficaz, enriquecendo o ambiente acadêmico de discussões e produções intelectuais que sintonizavam e sinalizavam os conhecimentos sobre História da África e suas interferências culturais ao Brasil, significativamente diante do racismo ainda em evidência.

Para aplicar a lei e exercer uma pedagogia antirracista, toda experimentação é válida, desde que devidamente analisada e criticada. O diálogo aqui proposto tem por objetivo produzir uma análise criteriosa e funcional de dois episódios específicos da animação Super-Choque, dos anos 2000, para o ensino de História da África e o combate ao racismo, através da ficção. Seu uso pedagógico é importante para “desconstruir o imaginário que é perpetrado sobre o continente africano” (LIMA, 2017, p. 2130), principalmente no uso das narrativas ficcionais de entretenimento, que foram cruciais para esse saber público equivocado e que atende ao racismo estrutural.

Sendo uma mídia audiovisual, mas se tratando de um desenho-animado, a metodologia tende a ter um tratamento minucioso, pois ele não fala por si. Há a necessidade de que o desenho seja tratado como uma fonte e que seja visto para mais do que um entretenimento. Nesses dois episódios há cenas e narrativas enriquecedoras. O professor precisará fazer um processo metódico para mediar a discussão com a turma junto ao material didático, ele deve analisar todo o contexto do desenho-animado, até mesmo a produção exterior, como será mencionada no decorrer do texto, para maior compreensão da grandeza de ensino que Super-Choque pode conter. Esse modo requer que o professor se debruce mais na hora de estudar o conteúdo junto

com o desenho para trabalhar com os alunos “analisar um filme é sinónimo de decompor esse mesmo filme³” (PENAFRIA, 2009, p.01).

Através da ficção é possível exercer o cotidiano dos alunos com o aprendizado, fazendo as devidas contextualizações com os saberes pertinentes. A série animada, os episódios escolhidos a serem utilizados como material didático, seus pontuais e devidos recortes, ofertam a franca prática pedagógica com o uso do entretenimento. Se por muitas décadas a produção da indústria cultural de entretenimento serviu de instrumento de manutenção das disparidades raciais, a proposta aqui presente legitima seu uso para a desconstrução objetiva do racismo.

2 A HERANÇA AFRO-AMERICANA EM SUPER-CHOQUE

Quando a memória é inquirida, a depender de cada geração, o indivíduo pode relembrar representatividades negras na TV, cinema e quadrinhos. A experiência é acusatória das disparidades entre os representados na ficção, sendo bastante singular quando a expectativa de hegemonia é rompida. Desta forma, para muitos daqueles que viveram a infância e adolescência nos anos de 1990, há um super-herói negro que se destacou, ainda que menos que seus irmãos brancos de capas.

O super-herói Static Shock, Super-Choque no Brasil, marcou a memória daqueles que consumiram suas narrativas animadas. Na programação matutina da rede televisiva brasileira SBT, nos primeiros anos de 2000, o público conheceu o personagem da série *Super-Choque*, seguindo estruturas estéticas e narrativas de produções da Warner, como *Batman: A Série da TV*⁴, *Superman: A Série Animada*⁵ e *Batman do Futuro*⁶. Com os sucessos das séries animadas da DC-Warner, a migração das narrativas de Super-Choque para o novo suporte foram oportunidades para os editores da franquia original dos quadrinhos da Milestone Media.

Há um rico histórico por trás dessa produção que migrou do suporte narrativo das histórias em quadrinhos para animação televisiva. O super-herói se popularizou através da animação *Static Shock*, em 23 de setembro de 2000 (MISIROGLU, 2012) para a programação infantil da rede televisiva estadunidense The WB (*Warner Bros.*), mas surgiu anos antes nas

³ Mesmo a citação utilizar a mídia “filme”, o desenho-animado por também ser audiovisual pode ser analisado da mesma maneira.

⁴ Originalmente *Batman: The Animated Series* (no Brasil, *Batman: O Desenho da TV*), com direção de Bruce Timm, Alan Burnett, Paul Dini e Eric Radomski, exibida entre 1992 e 1995.

⁵ Originalmente *Superman: The Animated Series* (no Brasil, *Superman: A Série Animada*), com boa parte dos envolvidos com *Batman: The Animated Series*, exibida entre 1996 e 2000.

⁶ Originalmente *Batman Beyond* (*Batman do Futuro*), com os supracitados produtores, exibida entre 1999 e 2001, chegou a ter conexões com a série *Static Shock*.

histórias em quadrinhos da editora Milestone Media. Manteve-se boa parte dos envolvidos do suporte midiático de origem, o que fortaleceu suas intenções de representatividade e valorização política e cultural do negro no cenário estadunidense. Na versão em língua original, várias celebridades negras atuaram como dubladores da série, como os jogadores de basquete Tracy Lamar McGrady Jr, Karl Malone e Shaquille O'Neal, e o rapper Lil' Romeo, que inclusive compôs a música tema da animação.

O ativismo negro estadunidense na década de 1990 foi marcado por instabilidades na questão racial. Em 1992, revoltas ocorreram na cidade de Los Angeles com a absolvição de policiais envolvidos no brutal espancamento de Rodney King. A violência foi filmada e divulgada, expondo a prática corriqueira de abusos policiais e gerando insurreição da sociedade, principalmente as comunidades negras, com o veredicto favorável aos criminosos⁷. As reações foram para além da catarse social, ganhando os meios, como o filme *Malcolm X*, dirigido por Spike Lee e lançado em 1991⁸, e o livro *Race Matters*, de Cornel West publicado em 1993.

Neste cenário de ebulição política racial, o empreendimento de quadrinhos com personagens negros os protagonizando ganhou força. A editora Milestone Media foi fundada como proposta combativa ao racismo, oferecendo ao mercado de entretenimento uma opção valorativa aos autores e artistas negros do *mainstream* de produzirem narrativas super-heróicas de protagonismo negro (LIMA, 2013). Firmada em 1993, foi fruto da idealização político-pedagógica de célebres artistas negros, como Denys Cowan, Dwayne McDuffie, Derek T. Dingle e Michael Davis, todos ativos em editoras de peso como a Marvel Comics e a DC Comics, esta última propriedade da *Warner Bros. Company*.

Tal conduta social e política nas histórias em quadrinhos não foi uma inovação conceitual. No auge dos movimentos dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos na primeira metade do século XX, o jornalista Orrin Cromwell Evans atuava em jornais como *Philadelphia Tribune*, *The Philadelphia Independent*, entre outros. Em 1944 Evans produziu uma série de artigos denunciando o racismo nas forças armadas estadunidenses durante a Segunda Guerra Mundial, o que lhe rendeu prêmios e ameaças. Dentre as façanhas de Evans está a de produzir uma revista em quadrinhos sortida chamada *All-Negro Comics*,

⁷ Em 2017 a rede de entretenimento *stream* Netflix lançou o documentário *L.A. '92*, de direção de Daniel Lindsey e T. J. Martin, em parceria com a National Geographic Documentary Films.

⁸ Distribuído pela Warner Bros., em novembro de 1992, tem o ator Denzel Washington como protagonista.

empreendimento autônomo, através de sua própria editora, a *All-Negro Comics Publication*, em volume de 48 páginas em 1947⁹.

A Milestone Media herdou as proposições de homens e mulheres negros de terem suas representatividades nas mídias de entretenimento. Construíram todo um panteão de super-heróis em um universo próprio de continuidade da franquia chamado Dakotaverso: Ícone, Hardware, Sindicato do Sangue e o Super-Choque, dentre outros. Cada um desses personagens estreou em revista própria¹⁰ em 1993. Entretanto, o mais célebre é justamente o Super-Choque devido o acesso midiático da animação televisiva.

A proeminência de Super-Choque torna-se evidente com o sucesso conquistado pela animação. Manteve seu projeto de educação e valorização da História e Cultura dos afro-americanos, e permitiu, dentre tantas possibilidades, conectivos com a África, comumente representada de modo negativo. Desta maneira, sobre sua História e legado, “quando não esquecido, desprestigiado, tratado através de estereótipos que mascaram sua realidade, condensando em essencialismos demasiados a sua completude: povos rudimentares, natureza ameaçadora, moléstias perigosas” (LIMA, 2017, p. 2129). A ficção nos fornece substratos para o trabalho de ensino de História da África e de valorização racial, adequando às expectativas pedagógicas brasileiras, com o uso da série animada em seus selecionados episódios, enquanto prática para combater o “o círculo vicioso do racismo” (CARNEIRO, 2011, p. 76).

3 SUPER CHOQUE NA ÁFRICA E FORA DA ÁFRICA

Historicamente foi imposta à população negra no Brasil viver às margens da sociedade. Processo esse que prolongou séculos e que se mantém mesmo com os avanços. Teorias racistas perpetuam desde o século XIX, sustentando essa imposição, e se aproveitando de tal para promover ainda mais o discurso racista e superior da população branca, acarretando ainda mais a desigualdade. Em vista desse cenário, o movimento negro persistiu ainda mais na luta pelos

⁹ Lançado apenas uma única edição, já que mesmo para a época o investimento envolve não apenas a produção e edição do material, mas sua distribuição para vendas. Neste número único tem histórias bastante comuns para a época, como de detetives, animais falantes, crianças em situações cômicas, tarzanide (versões inspiradas no Tarzan), etc, mas todos os personagens negros. Orrin Cromwell Evans faleceu em 1971 e hoje seu nome é celebrado através da Bolsa de Estudos da Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor (NAACP).

¹⁰ Dois deles chegaram a ser publicados no Brasil: Ícone e Hardware. As edições originais *Icon* número 1 e *Hardware* número 1 foram traduzidas e lançadas na edição única de *Black Force: Ícone e Hardware*, pela editora Magnum em novembro de 1997. A edição foi lançada com um texto em vermelho e grifado na capa: “super-heróis negros”.

seus direitos e pela igualdade, em um país que tem explicitamente uma vasta pluralidade racial ou cultural.

Entre 2003 e 2004, alguns intelectuais começaram a debater sobre o ensino da História e algumas problemáticas relacionadas aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Uma dessas discussões dizia respeito ao ensino de História da África, por meio de ações afirmativas que buscassem a equidade racial desde a memória de grupo. Em 2004, com lutas antirracistas e reivindicações por direitos, foi aprovado pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) e sancionada pelo Ministério da Educação (MEC) a lei nº 10.639/2003 que “estabeleceu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas do país” (ABREU; MATTOS, 2009, p. 5). Essa conquista resultou em um conjunto de ações pedagógicas para as unidades escolares, sendo considerada um avanço para a educação brasileira, como é explícito no decreto da lei no artigo 26:

§ 1o O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

§ 2o Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003).

Conquistar essa lei não significa apenas estudar/ensinar aos alunos sobre a rica História da África, mas sim a necessidade política para a população negra brasileira. Ela se expande dessa base para dar voz ao povo e as ações afirmativas.

As ações afirmativas constituem-se em políticas de combate ao racismo e à discriminação racial mediante a promoção ativa da igualdade de oportunidades para todos, criando meios para que as pessoas pertencentes a grupos socialmente discriminados possam competir em mesmas condições na sociedade (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 186)

As ações afirmativas também se constituem no campo educacional, buscando combater as desigualdades raciais. Por isso, ensinar a História da África nas escolas, é uma maneira de desatar os nós com a estrutura eurocêntrica que permeia o ensino brasileiro até os dias atuais, combater o racismo e a desigualdade e que os alunos negros reconheçam suas identidades e soltem suas vozes.

A escola, enfatizando as disciplinas de História da África e Ensino de História com a lei em vigor e as ações afirmativas, devem buscar formas de trazer qualidade ao ambiente e ao



ensino em que todos os alunos se sintam inclusos. É importante que os alunos aprendam sobre a História da África não somente porque o Brasil e o continente africano têm uma forte ligação, mas principalmente porque nessa troca de relações houve um grande choque cultural, resultando na construção de culturas e identidades distintas das eurocêntricas. No que diz respeito às questões culturais e identidades, Martha Abreu e Hebe Mattos apontam que:

Nesse modelo, as identidades culturais são literalmente construídas no processo histórico. Não existem antes ou além dele. Dependem, em cada caso, das formas históricas em que as fronteiras entre nós e os outros se constroem, se reproduzem ou se modificam [...] O tema transversal da pluralidade cultural, entendido de forma dinâmica e histórica, possui um grande potencial de inclusão e educação para tolerância, objetivos centrais a serem perseguidos pelos educadores (ABREU; MATTOS, 2009, p. 08).

Desse modo, é notório perceber o quanto se faz necessário ensinar, estudar e aprender sobre a pluralidade cultural que temos em nosso país e as questões relacionadas a identidade de cada indivíduo, para que assim, cada aluna e aluno se reconheça no seu individual, mas também se sinta parte de um todo, acarretando uma equidade, para além, uma educação para tolerância distante de uma ideologia pedagógica racista (MUNANGA, 2005).

A escolha dos do recorte desses dois episódios se dá justamente por eles trazerem conteúdo sobre o continente africano possibilitando o ensino lúdico, do entretenimento de seu cotidiano, seus aspectos socioculturais, além de trazer questões sobre a identidade racial. No caso do ensino de História da África, o vislumbre conectivo entre a narrativa ficcional e a realidade histórica ainda possibilita a desconstrução de um imaginário pernicioso que persiste, de um continente reduzido às suas mazelas e através do contraste entre a vigorosa natureza e a civilidade (MUNANGA, 2005). Tomemos, então, as análises das narrativas ficcionais selecionadas.

No episódio "Super-Choque na África", que faz parte da terceira temporada, Virgil viaja junto do seu pai e da sua irmã para a África. Nos minutos iniciais o pai – que atua mais como um intermediador – aparece lendo um panfleto e diz “Ah África, terra mãe, berço da humanidade”. Por meio dessa afirmação, conseguimos ver já de início que essa viagem ao continente africano tem uma importância muito grande para a família. Nesse momento, é interessante que professor(a) atente os(as) alunos(as) a analisar e contextualizar o porquê de o pai dizer que a África é a terra mãe? por que “berço da humanidade”? O que isso representa para cada aluno(a)? Para o pai de Virgil e, possivelmente, para muitos outros alunos e alunas

negros, a África foi a terra que concebeu seus ancestrais, uma parte da cultura e da identidade, e por isso a importância de ressaltar que ela é a “terra mãe”¹¹.

As imagens 1 e 2 mostram a família chegando em Acra, capital de Gana. Por meio da captura e análise das cenas, muitos estereótipos podem ser questionados e “quebrados”, além das vestes culturais também se fazerem presentes. Analisar esses detalhes e características mostra que o continente e a cidade em que eles estão são “como qualquer outra”, possibilitando ao aluno desmistificar a pobreza e retrocesso do continente, e mostrar também um pouco das suas vestes e cultura.

Figura 1 - Família chegando em Acra



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Figura 2 - Mulheres com vestimentas tradicionais.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

O episódio segue mostrando Gana, a grandeza da cidade, seus prédios e carros, além de aspectos naturais arquitetônicos que convivem no espaço de representação. Ao contar um pouco sobre Gana é abordado também sobre a capital Acra, contextualizando que ela foi a primeira colônia a conquistar independência dos ingleses em 1957 (MAZRUI, 2010, p. 128). Nesse momento, conforme a narrativa segue esses fatos, é mostrado alguns monumentos importantes para a capital, como o monumento da Independência.

¹¹ Se tomarmos as teorias de origem e dispersão humana, de seus antepassados primatas ao ser humano moderno, os vestígios mais antigos localizam em evidências “na região equatorial do leste da África” (KLEIN; EDGAR, 2005, p. 190). Os vestígios físicos de instrumentos lítios e mesmo fósseis fortalecem a teoria chamada *Out of Africa*.

Figura 3 - Monumento da Independência representado em Super-Choque.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Figura 4 - Foto real do Monumento da Independência.



Fonte - Disponível em:

<http://www.pordentrodafriica.com/cultura/acompanhe-o-especial-viajando-por-benin-togo-e-gana/attachment/gana-1>.

Acesso em: 02/05/2021

É interessante que o professor utilize dessa cena em que aparece o monumento à Independência para trabalhar e mostrar como o desenho consegue fazer conexão entre ficção e real, como o desenho funciona como um material para se trabalhar dentro da sala de aula, no Ensino de História da África e de História. Além da caracterização das representações, essa cena pode indagar questões arquitetônicas e fazer com que os alunos desmistifiquem a visão de que o continente é escasso, pobre, sem cultura e política coligando com as imagens 1 e 2, e dando mais sentido para a compreensão do que está sendo explicitado na aula por meio do desenho, da mediação do professor e de um material didático.

O plano sequência do desenho animado traz a narrativa do guia turístico que conduz a viagem da família. Ele cita então que 16% dos escravos da América vieram de Gana¹². É interessante que o professor fale para os alunos que no caso do Brasil, cerca de 12 milhões de africanos foram trazidos por meio dos navios negreiros portugueses para o nosso país. Essa narrativa do guia abre espaço para trabalhar sobre a imigração forçada desses povos. Virgil e seus ancestrais fazem parte da diáspora africana, por viverem em solo norte americano são tratados como estrangeiros pela sua ancestralidade e cor da pele. No que tange a essa questão, o desenho nos apresenta a sequência de cenas mais tocantes em que o herói liga para seu melhor amigo nos EUA e diz:

Figura 5 - Super-Choque ligando para amigo branco que está nos EUA, relatando questões sobre sua identidade negra.



Fonte: Captura de tela anônima.

Disponível em: <https://pbs.twimg.com/media/EnRnpILW8AECQvk.jpg>

Um momento muito relevante desse episódio e que se coliga com a imagem 5 é quando a irmã de Virgil, Sharon, fala sobre o panafricanismo, sendo este a política materialista de unidade. Vale ressaltar que o panafricanismo nasceu nas lutas dos africanos que buscavam pela valorização da sua coletividade, sendo de grande importância histórica. “Afinal, o Pan-

¹² De acordo com o banco de dados do site slavevoyages.org, de um resultado de 126.259 embarcados na região da Costa do Ouro e 107.567 desembarcados nos Estados Unidos durante o período de tráfico escravagista, de um total de 305.326, na somatória de outras regiões, o percentual acusado é de 41%.

africanismo foi um dos ideários mais relevantes do pensamento político africano contemporâneo” (BARBOSA, 2015, p. 1). Indagar aos alunos o que eles sabem ou entendem sobre o panafricanismo é extremamente necessário para o projeto de formação dos mesmos, justamente por ser uma temática tão fundamental e ressaltada no próprio continente, levando-os a pensar e entender a conexão desses povos com o seu continente, sua cultura e identidade, fazendo com que eles reflitam até mesmo com o que se identificam, e no caso principalmente dos alunos negros, que estes se reconheçam enquanto negros e sujeitos históricos.

Representação e identidade visual são tratados nas construções de um super-herói africano na narrativa. Em dada ação, surge lutando contra o Leopardo, que busca roubar a maleta do professor Anoki que contém o mapa da antiga Kumasi, lar da civilização Ashanti (palácio escondido com ouro embaixo do lago Volta).

Este herói é apresentado como Anansi, um combatente do crime e o mais famoso do Oeste da África. O super-herói Anansi deriva dos mitos do próprio continente. No episódio 42 – “Fora da África” que faz parte da quarta temporada, ele conta a Super-Choque a lenda da Aranha fonte de seus poderes. Tal lenda está relacionada com o poder da aranha que tem a força de contar histórias e criar ilusões, sendo a fonte de poder do super-herói africano. Tais histórias tem relação com o Leopardo, a cobra e as moscas, que também aparecem em ambos os episódios como um simbolismo do próprio continente. (Imagem 6 e 7).

É nesse sentido que aprendemos sobre mitos e lendas do continente, além de um elemento essencial da história da África, a oralidade. A história do continente africano foi perpassada por anos e até mesmo nos dias atuais pela oralidade, no caso da história de Anansi, vemos que as narrativas místicas ensinam sobre a origem das coisas (BARRY, 2000).

Figura 6 - Super-herói africano, Anansi.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Figura 7 - Aranha nas mãos do Leopardo.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Nesse mesmo episódio, cabe destacar também sobre os tesouros da civilização Ashanti que estão em exposição na cidade de Dakota nos EUA. É mostrado nesse episódio vários objetos inestimáveis da história da África. O professor Anoki conta para Virgil e sua irmã que alguns desses objetos são de ruínas de um antigo palácio Ashanti, que tem mais ou menos mil anos.

Figura 8 - Objetos inestimáveis da História da África.



Fonte: Captura de tela feita pelos autores.

Tais peças nos dão a ideia de como os mesmos se caracterizavam e quais eram os seus objetos de uso pessoal, trazendo à tona um pouco da vestimenta e cultura desse povo e também da riqueza. O professor pode se utilizar dessas cenas para trabalhar o socioeconômico, e também mais sobre a cultural e o misticismo. Diante disso, cabe questionar aos alunos se eles têm conhecimento de que o continente africano possui reis e rainhas? Se eles conhecem algum reino africano? Como o caso do Ashanti citado no desenho animado. Além do mais, o continente africano é o mais antigo logradouro do despertar da cultura humana (KLEIN; EDGAR, 2005).

Em ambos os episódios vemos a importância do continente africano e da civilização Ashanti para a história mundial. Outro fator importante é a valorização e o reconhecimento da própria identidade como fica explícito na imagem 5, ali ele expõe o sentimento de identificação que ele tem ao estar em um lugar que ele não se sente julgado ou diminuído pela cor da sua pele, além de encontrar e se reconhecer em um outro super-herói que também é negro.

Tais episódios são fundamentais para que o professor ensine aos alunos de forma lúdica sobre um conteúdo tão necessário, rompendo com os estereótipos trazidos pelos livros didáticos e que podem ser problematizados após o uso do desenho animado mostrando os seguintes pontos: 1) O continente africano possui uma vasta riqueza; 2) O continente africano é permeado por questões políticas e sociais 3) Representatividade negra por meio dos super-heróis.

Tal representatividade poderá causar principalmente nos alunos negros um empoderamento, escancarando que eles também podem escrever sua própria história enquanto um super-herói, independente da sua cor ou raça. Trabalhar com o desenho animado Super-Choque dentro das salas de aula é de total importância para o ensino-aprendizagem, indo além do aprendizado formal e apontando problemáticas que devem ser mediadas e trabalhadas pelos professores da educação, colocando em prática os preceitos trazidos pela Lei nº 10.639/2003, embasando a pluralidade cultural e política, além da formação da identidade. Cabe aos professores fazer com que os alunos construam “outras referências acerca da África, dos/as africanos/as e das culturas que essa gente reinventou no Brasil, como também perceberem e identificarem-se nas expressões culturais afro-brasileiras, valorizando-as e respeitando-as, pois também são suas” (CHAGAS, 2017, p.6).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da mídia audiovisual e ficcional, o desenho animado Super-Choque, tentamos propor aqui possibilidades de ensinar a História da África e o Ensino de História por meio desse viés, buscando e mostrando gamas de possibilidades de educar de uma forma dinâmica e que faça parte do dia-a-dia dos alunos, para que assim haja maior interesse no conteúdo.

Se é conveniente às novas expectativas sociais de representatividade e visibilidade racial, a representação ficcional identitária também utiliza da lei 10.639/2003 para combater a marginalização dos povos negros e das sociedades africanas e ter nisso um instrumento de reparação histórica das construídas desigualdades raciais ainda latentes no Brasil. Para a desconstrução de tão notório malefício, a educação é um meio pertinente de ações afirmativas e combativas, principalmente no ensino de História e toda sorte de estratégias pedagógicas, tendo em vista a prática racista persistente e mantenedora das desigualdades.

Deste modo, o exercício proposto de inserção do debate sobre a questão racial através da ficção surge como ponto de partida possível, atenuado pela ludicidade inerente e o cotidiano dos alunos, sem perder nenhuma oportunidade de crítica construtiva, ainda mais no que diz respeito à identidade de cada aluno e seu reconhecimento como sujeito histórico e que fez parte de uma forma positiva e não pejorativa de todo esse processo. Super-Choque, em sua narrativa ficcional, dialoga com essas demandas múltiplas e produz não apenas uma equiparação representativa, mas uma consciente abordagem temática sobre raça, identidade e pertencimento.

A viagem de Super-Choque à África é um trânsito fascinante entre a ficção e a realidade, como uma aula para o super-herói e sua audiência. A escolha do episódio tem fundamento e objetivo, “a desconstrução de imaginários sobre a África” (LIMA, 2016, p. 162) no exercício pedagógico de uso da ficção de entretenimento em sala de aula. Sem esgotar ou delimitar as possibilidades de abordagens, este trabalho se oferece como prática de ensino e ponto de partida renovado ao uso da lei 10.639/2003.

REFERÊNCIAS

ABREU, Martha; MATTOS, Hebe. Em torno das “Diretrizes curriculares nacionais para a educação das relações étnico raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira africana”: uma conversa com historiadores. *In: Estudo Históricos*. Rio de Janeiro, vol. 21, n.41 janeiro-junho de 2008, p.5-20.

AZEVEDO, Crislane Barbosa. A formação do professor-pesquisador de História. *In: Revista Eletrônica de Educação*. V. 6, no. 2, p. 108-126, UFSCar, São Carlos, nov. 2012. Disponível em: <http://www.reveduc.ufscar.br>. Acesso em: 27 abr. 2021.

BARBOSA, Muryatan S. Pan-africanismo na Présence Africaine: unidade e diversidade de um ideal (1956-63). *In: XXVIII Simpósio Nacional de História*, 2015, Florianópolis. Caderno de resumos do XXVIII Simpósio nacional de História – **Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios**. Florianópolis: ANPUH, 2015. v. 1. p. 1-1811.

BARRY, Boubacar. Reflexão sobre os discursos históricos das tradições orais em Senegâmbia. *In: Senegâmbia: o desafio da história regional*. Rio de Janeiro: SEPHIS/UCAM, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 03 mar. 2021.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e Desigualdade no Brasil**. Coleção Consciência em Debate. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CHAGAS, W. F. História e Cultura Afro-brasileira e Africana na Educação Básica da Paraíba. **Educação e Realidade Edição eletrônica**, v. 42, p. 79-98, 2017.

KLEIN, Richard G.; EDGAR, Blake. **O Despertar da Cultura: A Polêmica Teoria sobre a Origem da Criatividade Humana**. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2005.

LIMA, Savio Queiroz. Ensino de História da África em Desconstrução: Renovação do Imaginário da África Através de Histórias em Quadrinhos em Acordo com a Lei 10.639. *In: Anais do XII Colóquio Nacional e V Colóquio Internacional do Museu Pedagógico - UESB*, volume 12, p. 2129-2135, Vitória da Conquista, 2017. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cmp/article/viewFile/7113/6918>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LIMA, Savio Queiroz. Garra de Pantera: Os Negros nos Quadrinhos de Super-herói dos EUA. In: **Revista Identidade!**, São Leopoldo, v.18 n. 1, p. 90-102, jan.-jun. 2013. Disponível em: <http://periodicos.est.edu.br/index.php/identidade/article/view/618>. Acesso em: 15 abr. 2021.

LIMA, Savio Queiroz. **Tintin no Congo e a Lei 10.639**: Conflitos e Acordos para Aplicação em Sala de Aula. In: BRAGA, Amaro X; MODENESI, Thiago. Quadrinhos & Educação – Volume 3. Jaboatão dos Guararapes, Faculdade dos Guararapes, 2016.

MAZRUI, Ali A. “Procurai Primeiramente o Reino Político...”. In: MAZRUI, Ali A.; WONDJI, Christophe. **História geral da África, VIII**: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.

MISIROGLU, Gina. **The Superhero Book**: The Ultimate Encyclopedia of Comic-Book Icons and Hollywood Heroes. Detroit: Visible Ink Press, 2012.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. São Paulo: Global, 2006. (Coleção para entender).

MUNANGA, Kabengele. **Superando o Racismo na escola**. 2. edição revisada. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

OTAVIO, Anselmo. Do Pan-Africanismo ao Renascimento Africano: Economia, Política e Segurança em um Continente em Transformação. In: FONSECA, Mariana Bracks; MANNARINO, Giovanni Garcia (Org). **Áfricas**: representações e relações de poder. - Rio de Janeiro: Edições Áfricas/Ancestre, 2019. Disponível em: <https://www.ancestreeditora.com/product-page/%C3%A1fricas-representa%C3%A7%C3%B5es-e-rela%C3%A7%C3%B5es-de-poder>. Acesso em: 10 abr. 2021.

SANTOS, Jocéli Domanski Gomes dos. **A Lei 10.639/03 e a importância de sua implementação na Educação Básica**. 2010. Disponível em: http://www.nre.seed.pr.gov.br/uniaodavitoria/arquivos/File/Equipe/Disciplinas/Biologia/A_L_EI_10639_03_E_A_IMPORTANCIA_DE_SUA_IMPLEMENTACAO.pdf. Acesso em: 10 abr. 2021.

Enviado em: 28/05/2021
Aprovado em: 27/07/2021